

PEPITO, O Último Dos Mohicanos....

(Por Joao Galvao dos Reis Borges - Abril 2014 do blogue <http://www.tatitataia.wordpress.com/>)

“Às minhas netas Sara e Clara com a esperança de um dia poderem viver tranquilamente na terra adiada com que Cabral sonhou”, Carlos Schwarz da Silva, PEPITO, 1949-2014.

À família Schwarz da Silva: D. Clara, Isabel, Cristina (Pepas), Ivan, Catarina, João e Henrique, o blog Tatitataia se vos associa com intenção de partilhar a enorme dor causada pelo prematuro desaparecimento físico do vosso e também nosso saudoso PEPITO. E, através do presente texto, Tatitataia também se empenha em prestar uma singela homenagem a este amigo e sui generis Combatente pela Paz e Progresso do Povo, que fez da sua Pátria – Guiné-Bissau – o palco, o espaço onde abnegadamente materializou as suas convicções. Paz à sua alma!

Na sequência dos dois últimos textos da série “O Homem Novo Forjado Na Luta” aqui publicados, este capítulo poderia perfeitamente intitular-se: “O Mais Aguerrido dos Moisés”. Aguerrido em todas as arenas que lhe serviram de palco aos seus desafios e inumeráveis confrontações de vária ordem.

Para definir PEPITO, não escasseiam adjectivos que reconhecem no seu perfil uma frontalidade por vezes controversa, porque também foram múltiplas e controversas as situações com as quais se viu confrontado, sobretudo ao longo da sua vida profissional.

Avaliar, ajuizar a personalidade de PEPITO não é e nem será tarefa fácil para Tatitataia; e quero acreditar que o não será, mesmo para aqueles que, com alguma pretensa objectividade, pretendam formular um juízo sobre essa ‘sui generis’ pessoa, inclusive aqueles que o não puderam aquilatar. Todos juntos não saberão esquivar-se ao reconhecimento de que o guineense PEPITO em circunstância nenhuma poderá ser considerado um vulgar de Linnaeus.

Tatitataia optou com algum simbolismo da lenda do Último Dos Mohicanos para homenagear o guineense Carlos Schwarz da Silva, vulgo PEPITO que, física e prematuramente, nos deixou a 18.02.2014. Esse trágico acontecimento ocorreu em Lisboa.

Em meados de Agosto de 2010, o meu amigo Mário Sá Barbosa e, seguramente, amigo de muitos mais, fazendo jus à nossa amizade de longa data, prestou-se a acompanhar-me ao Aeroporto da Portela aquando do meu regresso a Paris após uma curta estada em Lisboa. Uma vez cumpridas as formalidades de qualquer check-in, encetámos um informal bate-papo aguardando a chamada para embarque. E é nesse espaço de tempo que o telemóvel do Mário desperta. Com o Mário em comunicação, não pude aperceber-me de quem estava em linha pois, do pouco que falou não pronunciou qualquer nome. Entretanto, confesso ter ficado um quanto embaraçado quando me passa o telefone e diz: Fala!

Identificado o meu interlocutor por ter ouvido do outro lado da linha: um franco Olá João, aqui o PEPITO, foi o suficiente para que a minha voz esmorecesse, esvaziasse de energia e sentisse instalar o conhecido e desagradável nó na garganta! E, sob peso

dessa enorme emoção, até me pareceu mentalmente ouvir alguém dizer: João, tens o PEPITO de volta. É agora ou nunca. Abraça-o. E esse abraço foi confirmado pelo e-mail enviado a 17.08.2010, às 01:27... após meu regresso a Paris e assim redigido,

Caríssimo Pepito, “Pepitovski”

Graças ao Mário Sá Barbosa, consegui, e com enorme satisfação, renovar, melhor, reatar os nossos laços de amizade e não só. Fiquei agradavelmente surpreendido pelo Mário que, no aeroporto aquando do meu regresso a Paris, me passou para as mãos o celular dele sem me dizer quem estava chamando...

É óbvio que o impacto de ouvir-te, depois de mais de vinte anos sem contacto(s), fez com que a chamada, “insípida” pelas circunstâncias, acabasse por ficar inacabada pois não sabia o que dizer (efeito surpresa)...Daí a razão da minha chamada telefónica de há dias!

Creio, entretanto, que perdemos todos a oportunidade de, ao redor de uma mesa (jantar ?!), juntos apreciarmos e saborearmos um bom elenco de verdadeiros contadores de “passadas”!

Mas que pena! A tua presença seria um valiosíssimo estímulo (diria mesmo, uma “provocação”) para o meu “talento” de contador de passada(s)...Ahhh, repito, ahhh, que pena!...

Doravante terás notícias minhas mais assíduas. Saudações à Isabel, mantê-las à miudagem e um abraço amigo, João

Deixei Bissau em 1985 numa altura em que as relações João-Pepito e Pepito-João não respiravam nem transpiravam saúde. Razões? Como descobri-las? Talvez recorrendo ao que diz a Lei de Coulomb a respeito de cargas portadoras do mesmo sinal e tentar estabelecer paralelo com o relacionamento entre temperamentos humanos da mesma natureza ou muito semelhantes... Mas é num quadro desses e com um Sá Barbosa completamente alheio a esse pormenor que chega por intermédio de um bendito telemóvel essa bem-vinda chamada que pôs termo a duas décadas e meia de um longo, magoado e difícil silêncio. Ironias do destino?!

Como testemunha a cópia desse e-mail de 17.08.2010, 01:27 e acima transcrito, essa chamada acabou por conceder à velha amizade João-Pepito e Pepito-João uma merecidíssima oportunidade de se manifestar de novo, esquecendo pequenas, médias e grandes querelas, de rejuvenescer e adquirir a pujança e a solidez que lhe eram próprias um quarto de século atrás. E depois desse feliz 17.08.2010, os e-mails e um sem-número de longas chamadas Skype permitiram ao João Galvão Borges, o Galvas, ter o seu Pepitovski completamente reconquistado e ao Pepito o seu Jonas mais jovial que nunca. As saudades, porém, essas, ficarão para sempre insatisfeitas e, sobretudo, inconsoláveis...

Por tudo isso, amigo Sá Barbosa ficamos-te imensa e eternamente gratos. Obrigado Mário!

Isabel e Pepito fazem parte de uma enorme vaga de pessoas singulares e de jovens casais guineenses, cabo-verdianos e não só, como Samanta e Moisés relatados por

Tatitataia na curta série do Homem Novo Forjado Na Luta. Essa vaga vinda das bandas do Tejo era constituída por uma plêiade de jovens entusiastas que resolveram abdicar da segurança, da tranquilidade e do conforto de uma vida europeia para regressar à terra e, como então se dizia: saldar a sua dívida para com o povo!

Entretanto, e bem mais cedo que seria de prever, essa vaga foi perdendo caudal.

E foi perdendo caudal à medida que o Poder, nas mãos dos novos senhores, os Melhores Filhos da Nossa Terra deixavam cair a máscara, mostrando arrogante e orgulhosamente à Guiné-Bissau e ao Povo Guineense as suas verdadeiras intenções: a de se substituírem aos colonizadores que acabavam de deixar o solo pátrio guineense. De Bissau fizeram o mais valioso espólio de guerra e das populações seus perfeitos vassalos. Interessante constatar a 'mise en garde' de A. Cabral sobre essa realidade no panfleto «História da Guiné-Bissau e Ilhas de Cabo Verde», maioritariamente escrito e revisto por Cabral pouco antes de morrer: “..... A libertação nacional não poderá significar a transferência de poder dos colonos para uma minoria exploradora nacional...”

E é sob pressão desse aterrador clima político que se dá a ruptura entre o totalitarismo instaurado e os quadros técnicos mais conscientes dessa realidade. Uma ruptura que levou Samanta e Moisés e os demais da citada vaga a terem de (re)fazer malas com alguns poucos haveres e com uma enorme e constrangedora ilusão para uma viagem que seria (e foi) definitivamente sem retorno. E impõe-se afirmar que essa ruptura enquadra-se numa sequência de outras bem mais graves: a do PAIGC e do seu aparelho de Estado com a linha ideológica de Amílcar Cabral. Com efeito o semanário Nô Pintcha, órgão oficial do Partido e do Estado deixara de publicar os extractos de Amílcar Cabral. No fundo, essa foi apenas mais uma das sucessivas rupturas do PAIGC com o seu fundador. A primeira e a mais dramática teve lugar, como todos se lembram, a 20.01.1973, aquando do assassinato de A. Cabral em Conakry.

É justo sublinhar e enaltecer a transbordante coragem de todos quantos se recusaram deixar a terra dispondo-se a assumir as mais nefastas consequências que poderiam advir desse regime que, como mencionado, não tardou a deixar cair a máscara mostrando e demonstrando as suas macabras intenções. Entre esses valorosos resistentes, Isabel e Pepito são merecedores de citação em primeiro plano. E nesse patamar porque, não ficando pela ruptura com o sistema, ele adquire uma outra dimensão quando chega à confrontação após uma fase de aberta condenação.

Abandona o aparelho de Estado deixando o Ministério de Desenvolvimento Rural e afasta-se também das estruturas do PAIGC onde foi militante e, por muito tempo, membro activo da JAAC, Juventude Africana Amílcar Cabral para desbravar novos caminhos por seus pés e por sua conta e risco.

Essa provocante irreverência e o crescente sucesso de tudo quanto esteve sob sua alçada despoletaram os mais variados e ambíguos sentimentos, fazendo de Pepito uma figura extremamente polémica. Amado pelas classes populares e pelos mais desfavorecidos da sociedade e muito nomeadamente no seio dos camponeses, seu terreno de predilecção. Muito mal-amado por alguns dos mais proeminentes do Poder como também pelos muitos parasitas orbitando esse Poder, a exemplo dos conhecidos sarabafais, brilhantes e exímios especialistas no exercício do mimetismo, neste caso político. Uma subespécie de difícil posicionamento taxonómico por dizer amém a TUDO e a TODOS. E que não se esqueça aquele dia de Março de 2001 no qual Pepito e família

foram vítimas de uma tentativa de assassinato, conduzida por gente com equipamento militar. Houve tiroteio na residência familiar...

E para reforçar a credibilidade do parágrafo anterior, trago a vosso conhecimento o que me foi permitido presenciar enquanto funcionário do MDR, Ministério do Desenvolvimento Rural quando, em 1975 e anos seguintes, era convocado a participar nas sessões do Conselho Directivo que se reunia durante todo o dia e na última sexta-feira de cada trimestre. Em presença dos directores-gerais e dos responsáveis pela elaboração da acta da reunião, os participantes faziam o ponto de situação dos problemas enfrentados e do progresso dos respectivos projectos, regiões agrícolas, programas, departamentos e outras actividades sob tutela do MDR.

E era nesse espaço, quando Pepito era chamado a pronunciar sobre o (seu) DEPA, que se podia avaliar o nível dessa colectiva e dirigida animosidade versus a pessoa de Pepito, o que fazia que cada sessão tomasse, em sentido figurado, os contornos dos habituais conflitos da Faixa de Gaza. Era verdadeiramente impressionante na medida em que essa agressividade em relação a Pepito quase se tornava palavra de ordem para todas as sessões do Conselho Directivo, mas com um Pepito inamovível e cada vez mais determinado e na defesa da sua posição e dos seus objectivos.

Quando se sabe que o próprio Amílcar Cabral, considerado fundador da nacionalidade Bissau-guineense estaria hoje e a coberto da actual Constituição da República interdito de se candidatar à Presidência da República por limitações impostas pelas suas origens, compreender-se-ão mais facilmente os íngremes e pedregosos calvários percorridos por um Pepito de cujas raízes tão bem conhecemos para, no contexto sócio-político-económico da GBissau de algumas décadas a esta parte, querer e poder dar provas de patriotismo. Esforço seguramente titanesco. Sobre-humano!

Que também se faça saber a recente e não velada resistência da Assembleia Nacional em, finalmente, permitir a abertura de um livro para recolha de assinaturas de condolências aquando do trágico desaparecimento físico do saudoso Pepito que também foi deputado da Nação. Este facto adicional e bem significativo demonstra o ainda longo caminho a percorrer para que a GBissau venha a ser a Pátria de TODOS os guineenses, independentemente do teor em melanina que pigmenta a pele de cada cidadã ou cidadão. E duvidamos seriamente que o governo bissau-guineense venha a ter qualquer iniciativa pública de homenagem a PEPITO.

O meu longo relacionamento com Pepito no âmbito do privado como do profissional permite-me fazer uma leitura dessa muito carismática figura dotada, entretanto, de uma personalidade muitas vezes fracturante. Anunciarei em pequenos parágrafos o que a memória me permitiu registar desse amigo pessoal e também da controversa pessoa que ele foi. E, ao começar, afirmo que não se sentia muito à-vontade em estruturas onde não estivesse posicionado de forma a fazer-se ouvir e tomar decisões. O abandono do MDR só pode confirmar esse meu sentimento. Adquire a plenitude do seu potencial e da sua capacidade de trabalho e/ou acção quando as suas decisões forem ou puderem ser soberanas. É, indubitavelmente, um líder. Dava ordens, conferia e quase de imediato avaliava o cumprimento dessas ordens. Sabia rodear-se de elementos da sua inteira confiança que avaliava em função da capacidade para cumprir e da prontidão no cumprimento.

Pepito era um trabalhador inveterado, inesgotável. O trabalho era a sua fonte regeneradora de energia!

Um resoluto adversário ou, mesmo, inimigo do fatalismo. Não se contentava em identificar problemas mas sim em implementar soluções mesmo quando se batia com armas desiguais. De uma tenacidade à prova de TUDO. Quando se diz: Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje, Pepito fazia uma leitura radicalmente diferente: não podes deixar para amanhã o que tens de fazer hoje. Essa foi a marca PEPITO!

Mesmo muito apreciado ou mal-amado pela forma peculiar como sempre geriu os projectos sob sua alçada, importa sublinhar que Pepito soube sempre e com muito sucesso levar a sua nau a bom porto. Um facto que, por irrefutável, granjeou-lhe muitos admiradores e, também, obviamente, aguerridos adversários.

A sua ligação à terra-mãe e suas gentes foi uma das características marcantes de sua idiossincrasia. O convívio profundo que manteve com familiares e amigos marcou de forma indelével o seu ser social. Curiosamente, forma-se em Portugal nos anos 70 e nos bancos da faculdade por onde passou Amílcar Cabral, de quem foi profundo admirador. Extremamente activo no meio académico, forja aí a sua têmpera de combatente anticolonialista e antifascista.

De regresso ao País após independência, este abnegado trabalhador afirma-se como um dos mais fervorosos defensores e impulsionadores de medidas dirigidas ao favorecimento e desenvolvimeto do meio rural como sendo a forma mais eficaz de assegurar, a médio e longo prazos, a almejada auto-suficiência alimentar. Animado de um espírito combatente e resoluto, este cidadão exemplar foi um PATRÍCIO da nova era. Sempre ao lado do seu povo, servindo de tribuno das suas mais profundas aspirações. Que as gerações futuras possam apropriar-se de um tal legado!!!

Uma distinta conterrânea soube melhor que ninguém homenagear Pepito ao afirmar: Há pessoas que fazem da vida um sonho. E quando nos apercebemos da existência delas, desaparecem. E tal como o sonho, são fugazes e efémeras.

Nada e Ninguém conseguiu demovê-lo da rota que traçou.

Até Sempre, PEPITO!